

Petra Svobodová 

Universidade Palacký em Olomouc

petrasvob@seznam.cz

A presença da língua portuguesa na região senegalesa da Casamansa – uma herança cultural em vias de extinção ou em revitalização?¹

Resumo:

O texto, de índole socio-histórica, explica como se formou o caráter duplo luso-francês na região da Casamansa, no sul do Senegal, sublinhando o papel da língua portuguesa na sua formação. Esboça a história do território e mostra como ela determinou a especificidade étnica e cultural da região, onde, na segunda metade do século XX, veio a germinar um sentimento de separatismo. Dedicar-se também ao papel da língua portuguesa através dos séculos e ao aparecimento de um seu crioulo, tentando mostrar como ambos serviram de instrumento de comunicação durante toda a história e como o seu papel mudou com a independência do estado senegalense. Comentando a posição atual de português e desse seu crioulo, o texto pretende mostrar que fatores têm contribuído para o declínio do uso do crioulo e têm, por outro lado, favorecido a revitalização da presença do próprio português.

Palavras-chave: português, crioulo, Casamansa, Senegal, contexto histórico

¹ O artigo foi publicado no âmbito do projeto do Ministério da Educação da República Checa concedido a UP Olomouc (IGA_FF_2021_022). (Příspěvek vznikl za podpory MŠMT ČR udělené UP v Olomouci (IGA_FF_2021_022).

Abstract:**The Presence of the Portuguese Language in the Senegalese Province of Casamance – A Cultural Heritage on the Verge of Extinction or in Revival?**

The article explains, on a socio-historical basis, how the region of Casamance in southern Senegal acquired its dual Portuguese-French character, underlining the role of the Portuguese language in this process. It briefly outlines the history of the territory and shows how it contributed to the specific ethnic and cultural nature of the region, where, in the second half of the 20th century, a separatist sentiment began to grow. It also discusses the role of Portuguese in the region through the centuries and the emergence of its local Creole, trying to explain how they both served as an instrument of communication throughout history and how their role changed with the independence of the Senegalese state. Commenting on the current position of Portuguese and its Creole, the text intends to point out the factors which have contributed to the decline in the use of the latter and which have, on the other hand, favoured the revival of Portuguese itself.

Keywords: Portuguese, creole, Casamance, Senegal, historical context

Introdução

Ao procurarmos territórios em que se identifique a presença da língua portuguesa ou, pelo menos, vestígios dela, encontramos, de imediato, países cujos laços históricos com Portugal se manifestam até hoje, mantendo-se o português como língua de comunicação quotidiana e adquirindo também o estatuto de língua oficial². Mas os vestígios da língua portuguesa podem também ser desvendados em regiões que hoje em dia dispõem de outras línguas oficiais e nas quais a ligação ao passado português é latente. Uma dessas regiões é a Casamansa, que representa o foco de interesse neste texto. A Casamansa é uma região senegalense, situada na África Ocidental, concretamente no sul do Senegal, na zona fronteiriça entre os estados da Gâmbia e da Guiné-Bissau. Circunda ali o rio do mesmo nome, um dos maiores da África Ocidental, juntamente com o rio Senegal, que a Norte cria a fronteira do Senegal com a Mauritânia, e o rio Gâmbia, que hoje

² Saliente-se que este estatuto pode ser, de certa forma, problemático. Veja-se o caso da Guiné Equatorial, onde o Português foi adotado como terceira língua oficial sem ter sido outrora falado ali.

representa o eixo principal do estado anglófono da Gâmbia (Holeš, Kadlec, 2012: 239). Atualmente, a Casamansa faz parte integrante do território do Senegal, um estado francófono que surgiu em 1960, mas nem sempre foi assim. A partir do século XV e até ao ano de 1886, o território pertenceu a Portugal, pelo que até hoje se notam ali certos vestígios da plurissecular presença portuguesa, incluindo um crioulo com base no português. Esta herança portuguesa contribui fortemente para o facto de a região casamancesa não se identificar plenamente com a pertença ao estado senegalense, sentindo mais proximidade com a cultura portuguesa, uma inclinação que leva a que a Casamansa se tenha revelado até hoje um território politicamente bastante instável e com tendências separatistas.

Com este texto de índole socio-histórica pretendemos explicar como se formou este carácter duplo luso-francês da Casamansa e esclarecer o papel da língua portuguesa na sua formação. Começaremos por esboçar a história turbulenta do território e mostrar como ela contribuiu para a especificidade étnica e cultural da região, onde, na segunda metade do século XX, veio a germinar um sentimento de separatismo. A seguir, dedicar-nos-emos ao papel do português através dos séculos da presença portuguesa e explicaremos as condições da formação do seu crioulo. Tentaremos mostrar como serviu de instrumento de comunicação durante toda a história do território e como o seu papel mudou depois da independência do estado senegalense. Finalmente, comentaremos também o estatuto atual do português, tal como o do seu crioulo, apontando para os fatores que contribuem para a manutenção do crioulo casamancês, mesmo que de uso escasso, e para uma certa revitalização da presença da própria língua portuguesa.

Contexto histórico da formação do carácter duplo luso-francês. A presença portuguesa na zona da Guiné

Os portugueses foram os primeiros europeus a chegar à costa da África Subsariana. Em 1444 o navegador Dinis Dias alcançou o rio Senegal

(Holeš, Kadlec 2012: 242)³ e, um pouco mais tarde, foi o primeiro a dobrar o Cabo Verde, o ponto mais ocidental da África, que se encontra nos arredores da atual capital do Senegal, a cidade de Dakar. Quanto à data da chegada dos portugueses à área do próprio rio Casamansa, os historiadores nem sempre se mostram de acordo. Segundo alguns, o território fora descoberto logo em 1445 por Dinis Dias (Czopek, 2018: 26), enquanto outros defendem que os portugueses se instalaram na zona a sul do Cabo Verde apenas em 1446, quando o navegador Álvaro Fernandes mapeou 110 léguas da costa a sul dele, chegando até ao rio Casamansa e atingindo também, provavelmente, a baía Varela no norte da atual Guiné-Bissau (Mota, 1946: 284; Esteves, 1988: 15; Klíma, 2006: 14). Existe, no entanto, também a teoria de o rio ter sido navegado pela primeira vez apenas em 1456, pelo navegador veneziano Luís de Cadamosto, encarregado pelo Infante D. Henrique de explorar a foz do rio Gâmbia e a zona adjacente, incluindo a Casamansa⁴ (Leitão, 2013)⁵. A zona, designada como Guiné Portuguesa, rapidamente se tornou um centro de comércio de escravos, marfim e ouro. Contudo, é de realçar que os portugueses não tiveram muito interesse na colonização sistemática desta parte da costa ocidental da África, nem viram muito benefício no desenvolvimento do comércio na zona,

³ Outros historiadores defendem que os barcos portugueses alcançaram o rio Senegal apenas em 1445–1446 (Klíma, 1996: 56).

⁴ Tal como há várias teorias acerca da data da descoberta daquela zona, há várias explicações para a origem do seu nome. Alguns historiadores atribuem a denominação da região aos portugueses, em concreto a Dinis Dias, que terá inventado o nome baseando-se na expressão da língua mandinga *Kasa mansa*, cuja tradução seria *o rei dos povos Cassangas* (Person, 2010: 350; Oliveira, 2021: 39). Todavia, há pesquisadores que defendem a origem autóctone do nome, como, por exemplo, Mamadu Alpha Diallo, que na sua dissertação explica que o termo foi atribuído à zona pelos diolas, em cujo idioma a palavra *Kassamou* significa *moradores do país das águas* (Diallo, 2011: 131). Outros historiadores referem o texto de Luís de Cadamosto, em que se explica que os nativos falavam do *rio de Casa Mansa*, o que significa “o rio de um senhor chamado Cassamansa, preto, o qual vivia para dentro do dito rio” (Esteves, 1988: 16).

⁵ No entanto, outros historiadores mencionam-no não como o descobridor da zona, mas antes como autor do primeiro relato minucioso sobre ela (ibid.).

cujo potencial desprezaram (Esteves, 1988: 22). O pouco interesse de Portugal no comércio com esta região evidenciou-se logo em 1466, quando os senhores de Santiago, em Cabo Verde, foram obsequiados com o direito exclusivo de negociar na costa da Guiné Portuguesa (Leitão, 2013), e nota-se também pelo facto de durante dezenas de anos os portugueses se contentarem apenas com dois entrepostos comerciais na costa. Foram instalados na ilha de Carabane, no estuário do rio Casamansa⁶, e também na ilha de Bezequiche, atualmente conhecida como ilha de Gorée, perto do Cabo Verde, na península onde hoje se situa Dakar⁷. A primeira verdadeira feitoria na zona (ou seja, a primeira fortificação construída para assegurar o controlo da região e possibilitar a troca de mercadorias) foi construída apenas em 1588, quando os portugueses fundaram Cacheu, no noroeste da atual Guiné-Bissau, e só em 1645 foi fundada a feitoria de Ziguinchor, na própria região da Casamansa. Apesar de ser administrada apenas como um presídio subordinado à capitania de Cacheu (Leitão, 2013), esta cidade representou o primeiro e o mais importante entreposto no rio⁸ e o seu papel principal, além do comércio, era também a proteção da rota de escravos estabelecida entre o interior da atual Gâmbia e Cacheu (Leitão, 2013). A composição nacional e étnica dos habitantes de Ziguinchor (e das feitorias em geral) era bastante variada. Os fundadores da cidade foram os colonos de Cacheu, também chamados *lançados* e *grumetes*. Os *lançados* eram tipicamente de origem portuguesa, aventureiros e gente à margem da sociedade, ou também judeus e cristãos novos perseguidos em Portugal pela sua fé, que se instalaram na zona e agiam como intermediários entre os comerciantes europeus e africanos, efetuando, geralmente, comércio ilegal (Leitão, 2013). Os *grumetes*, por seu turno, eram etnicamente africanos que se

⁶ Atualmente não dispõe de nenhuns vestígios da presença portuguesa, mas apenas da francesa, na forma de ruínas de uma das primeiras igrejas cristãs na zona do Senegal, construída em 1885.

⁷ Ainda hoje ali se verificam vestígios de um forte português e também da praça onde se vendiam os escravos.

⁸ Ziguinchor é ainda hoje a maior cidade da Casamansa, sendo a sua capital.

havam cristianizado e prestado assistência aos *lançados*, facilitando a comunicação entre o povo local e os europeus (Pereira, 2006: 69). Estes comerciantes, aos quais se juntaram também alguns negociantes cabo-verdianos, devido ao facto de possuírem direito exclusivo ao comércio na zona, aproveitaram a posição estratégica do rio e começaram a desenvolver atividades comerciais com as tribos africanas, atraindo os comerciantes africanos para a cidade. A etnia africana que veio a envolver-se mais no comércio foram os bainuncos⁹, que já habitavam na zona antes da chegada dos portugueses (Leitão, 2013). Mas não foram os únicos: outras etnias se integraram passo a passo na vida da cidade, como os diolas, os mandingas, manjacos, etc. Todos estes habitantes da feitoria criaram uma comunidade bastante fechada, gerida, tal como era comum nas feitorias, por uma família relativamente pouco numerosa, com cerca de sete membros. Estas famílias eram afro-portuguesas, formadas pelos descendentes dos *lançados* casados com mulheres de várias etnias africanas (Czopek, 2018: 27), e com origem nelas surgiu a comunidade mestiça designada por *fijus di terra* (filhos da terra), que se identificava pela adesão às tradições portuguesas e também pelo uso de português crioulo como língua de comunicação. Assim, esta comunidade será marcante não apenas para a organização do comércio, mas também para a manutenção da cultura e língua portuguesas na Casamansa.

A chegada dos franceses

Os portugueses não foram donos absolutos do território durante muito tempo. Ainda no século XV apareceram os primeiros franceses, que começaram a interessar-se pelo tráfico negreiro, instalando-se, a princípio, no estuário do rio Senegal¹⁰. Durante o século XVI espalharam a sua influência rapidamente para o Sul e reduziram o território portu-

⁹ Os bainuncos são um sub-grupo de fulas, chamados também peúles, uma etnia espalhada pela África Ocidental e Central.

¹⁰ Aí viriam mais tarde, em 1659, a fundar a sua primeira cidade, Saint Louis (Holeš, Kadlec, 2012: 242).

guês às zonas perto de grandes rios, como a Casamansa, Geba e Cacheu; tratava-se de rios de difícil acesso, banhando, portanto, áreas de pouco interesse para os comerciantes franceses (Esteves, 1988: 33). No século XVII, por ter sido anexado pelo reino espanhol, Portugal entrou numa crise tanto política como económica, não dispondo de suficientes recursos financeiros para manter o seu extenso império. Além disso, a política colonial do reino, ora alargado na Península Ibérica, centrou o seu interesse nas possessões na América, vindo-se a perder rapidamente a maioria do território conquistado a norte do rio Casamansa, o que permitiu o surgimento da África Ocidental Francesa. No século XVIII os franceses já eram donos absolutos da maioria do comércio na área do atual Senegal e apenas na região da Casamansa os portugueses conseguiram resistir à pressão francesa até ao início do século XIX¹¹. No entanto, nessa altura já não eram portugueses da metrópole; com o enfraquecimento da influência da metrópole, que na verdade, no princípio do século XIX, já era quase inexistente, ia aumentando o poder da comunidade local, pelo que quem tinha controlo sobre o território eram os *fijus di terra*, descendentes de africanos, portugueses, cabo-verdianos ou guineenses¹², a que acresce o facto de o cargo de capitão de Ziguinchor, que devia resultar da nomeação do rei para representar o poder real, começar a ser praticamente hereditário, passando de pai para filho (Leitão, 2013). Os franceses aproveitam o enfraquecimento do poder da metrópole e começam a penetrar cada vez mais até ao interior da própria Casamansa. Em 1836, um dos príncipes locais vende-lhes a ilha de Carabane, que se torna assim no primeiro posto comercial francês na Casamansa e, mais tarde, durante o reinado de Napoleão III, esforçam-se por ocupar toda a região. Os portugueses continuam sem suficientes recursos financeiros e militares para proteger a sua colónia e, ainda por cima, com a abolição do tráfico

¹¹ Segundo o Tratado de Versalhes (1783) entre a Inglaterra e a França, a França torna-se oficialmente detentora da região entre o Cabo Branco na Mauritânia e a Gâmbia, reduzindo-se a colónia portuguesa, no território do Senegal atual, apenas à zona de Casamansa (Esteves, 1988: 39).

¹² Note-se que continuam, no entanto, a autoidentificar-se como portugueses (Leitão, 2013).

negreiro a norte do Equador, em 1842, perdem a maior fonte de lucros e assim também o interesse eminente em manter a zona da Casamansa sob controle (Ribeiro, 1989: 230). Mesmo assim, não a querem perder por completo, pelo que procedem a negociações com a França, tentando primeiro por meios diplomáticos convencer os franceses de que Portugal tem direito histórico à posse destas terras. Não obstante, os franceses opõem-se a esta justificação histórica com o argumento de eles próprios terem navegado nas águas da Guiné logo no século XV, fundando ali os seus postos. A discordância entre os franceses e os portugueses piorou ainda depois da Conferência de Berlim (1884–1885), durante a qual se aprovou que a ocupação militar das colónias valeria mais do que os direitos históricos aos territórios reclamados pelas potências coloniais. Os portugueses, incapazes de proteger militarmente as suas terras na Guiné e de, ao mesmo tempo, exercer a sua influência em Angola e Moçambique, optam pelas suas colónias no sul da África e até por expandir o seu território ali, ocupando as terras no interior, entre Angola e Moçambique. Consequentemente, para resolver o conflito na Guiné Portuguesa em 13 de maio de 1886 assinam um tratado com a França, cedendo o território da Casamansa em troca da região de Cacine no sul da atual Guiné-Bissau, que também estava sob perigo da ocupação francesa. Os franceses, em contrapartida, reconhecem o chamado *mapa cor-de-rosa*, segundo o qual os portugueses pretendem ocupar o território entre Angola e Moçambique. Assim, a Casamansa deixa de ser, legalmente, parte do território da Guiné Portuguesa e passa a integrar-se na colónia francesa do futuro Senegal, começando, a partir de 1888, a delimitar-se a fronteira entre a Guiné-Bissau e o Senegal (Leitão, 2013)¹³.

A Casamansa como parte integrante do território francês

Conseguir integração política, todavia, ainda não significa alcançar integração cultural ou étnica. A França iniciou logo a integração do território casamancês na sua colónia e mandou erigir em Ziguinchor um

¹³ O processo foi concluído apenas em 1931 (Leitão, 2013).

novo bairro periférico para nele centralizar a população luso-africana falante de crioulo português, minimizando a sua influência na região e reforçando a influência francesa (Leitão, 2013). Apesar deste esforço, a população luso-africana da Casamansa manteve-se influente e fez com que o povo se sentisse etnicamente e culturalmente mais próximo da população da Guiné-Bissau, na altura designada ainda por Guiné Portuguesa. Para reforçar esta proximidade com a Guiné-Bissau e, consequentemente, esta autoidentificação com a cultura portuguesa contribuíram vários fatores, dos quais as raízes históricas comuns acabam por ser, talvez, o fator menos importante¹⁴. Muito mais significativo se revelou o fator geográfico. O facto de a província ser isolada do resto do Senegal e do seu centro político e administrativo¹⁵ pelo território anglófono da Gâmbia favorece bastante a adesão ao país geograficamente mais próximo. Outro fator é o étnico: as tribos radicadas na Casamansa têm afinidades com as radicadas na Guiné-Bissau atual e são diferentes das etnias do norte e centro do Senegal onde predomina a etnia uolofé. Finalmente, há que destacar o fator sociocultural. A classe social mais alta e rica na sociedade casamancesa é a dos descendentes dos *fijus di terra*, que continuam a ser os donos do comércio, representando, portanto, a classe de prestígio. Como eles mantêm os costumes portugueses, o crioulo de português como língua de comunicação e também a religião católica, conservam o sentimento de proximidade cultural com a Guiné-Bissau e o mundo lusófono no sentido geral. Assim, a população casamancesa sente uma certa relutância perante

¹⁴ Não é, porém, um fator totalmente insignificante. É bastante curioso que, apesar de a presença portuguesa na Casamansa estar fortemente associada à escravidão, contra a qual há muita relutância no Senegal, os casamanceses, segundo o estudo de caso de Leitão, referem a presença histórica dos portugueses com orgulho e usam-na para se distinguirem dos franceses (Leitão, 2013). Assim, podemos ver que o que leva à identificação com a cultura portuguesa é, além de outros fatores, também a mera falta de vontade de identificar-se com o Senegal francês, preferindo os casamanceses aderir culturalmente ao seu primeiro colonizador, mesmo que ligado ao tráfico negreiro.

¹⁵ Primeiro era Saint-Louisa e, a partir de 1902, Dakar, situando-se ambas no norte do Senegal.

a ocupação francesa e, mesmo quando o Senegal é declarado independente em 1960, não se identifica com o estado recentemente surgido e mantém laços muito mais fortes com a Guiné-Bissau. O governo senegalense, ciente desta inclinação, apercebe-se de que a identificação cultural dos casamanceses com a Guiné-Bissau pode representar um perigo para a unidade territorial do novo país. Logo que é proclamada a independência, o primeiro presidente senegalense Leopold Sédar Senghor declara que a integração da Casamansa no Senegal é apenas um projeto de experiência comunitária por um período de 20 anos e que o seu estatuto será revisto depois (Fadul, 2014). Porém, quando o prazo expirou em 1980, Senghor decide que para o bem das duas nações a Casamansa continuará a fazer parte integrante do território senegalense¹⁶. A decisão de Senghor leva a um descontentamento massivo da população casamancesa e quando nesse mesmo ano Senghor deixa de desempenhar o cargo de presidente, os diolas, etnicamente mais numerosos e, simultaneamente, com as condições de vida mais degradadas na Casamansa, começam a clamar pela independência da província. Em 1982 convocam uma manifestação de 100 000 pessoas, que é brutalmente abafada pelo exército senegalense, deixando um saldo de mais de 1000 mortos. Esta tragédia torna o partido político Movimento das Forças Democráticas de Casamansa, existente já desde 1947, num movimento separatista armado, cujo objetivo é lutar pela independência da Casamansa¹⁷. Começa assim a chamada *questão de Casamansa*, quando a militarização do Movimento traz nos vinte anos que se seguem inúmeros conflitos entre o exército senegalense e as tropas do Movimento. A questão é resolvida, oficialmente, apenas em 2004, quando se assina o acordo de paz, devido à interferência do

¹⁶ O que levou o Presidente a esta decisão não foi apenas a ideia da homogeneidade territorial do Senegal, mas também um motivo de natureza económica – na zona encontram-se jazigos de petróleo.

¹⁷ O Movimento manteve ligações muito estreitas com a Guiné-Bissau. O exército guineense forneceu-lhe armas e, pontualmente, houve apoio político do governo guineense, especialmente durante o período do presidente Kumba Ialá, que, ao contrário dos seus antecessores que tentaram manter neutralidade, mostrou oficialmente apoio aos separatistas.

presidente guineense Nino Vieira que intermedeia as negociações entre o Senegal e os separatistas da Casamansa; porém, a ideia da separação não desapareceu por completo e a tensão entre as forças separatistas e as senegalesenses continua a afetar a vida no território até hoje, deslustrando a reputação de ter sido – antigamente – a província mais próspera do Senegal e destruindo também a sua imagem de destino turístico ideal.

A LÍNGUA PORTUGUESA E O SEU CRIOULO DOS TEMPOS DA COLONIZAÇÃO ATÉ À ATUALIDADE

A língua portuguesa e o seu crioulo do século XVI até ao século XX

Passando à própria língua portuguesa, a sua presença na zona remonta a meados do século XV e, tal como os portugueses foram os primeiros europeus na África Ocidental, o seu idioma representa também a primeira língua europeia presente na costa da Guiné.

Como foi explicado no capítulo anterior, o contexto principal em que o português foi usado logo no início da presença portuguesa teve a ver com o comércio estabelecido com a população local. O seu uso estava relativamente restrito a um contexto multilíngue particular em que devia servir como língua veicular entre os comerciantes portugueses e as etnias africanas de bainuncos, diolas, mandingas e manjacos que tinham habitado na região antes da chegada dos portugueses. Após a sua chegada, foram logo envolvidos no comércio, o que os levou a deslocar-se para as feitorias, constituindo ali um ambiente multilíngue. Uma vez que o português é linguisticamente diferente das línguas africanas, não seria funcional como língua de comunicação em toda a sua amplitude e para facilitar a comunicação durante os negócios, teve que passar rapidamente pelo processo de pidginização e depois criouliização, mantendo-se o português (língua socialmente dominante) como base do léxico (de aproximadamente 80% das palavras), enriquecido pelo léxico de línguas africanas de substrato, principalmente

das línguas dos mandingas, manjacos e papéis (Intumbo, Holm, 2013). O facto de as feitorias, devido às suas comunidades bastante isoladas, funcionarem quase como ilhas e nelas se miscigenarem várias etnias africanas acelerou ainda mais com os portugueses o processo de criouliização¹⁸. Portanto, já no século XVI aparece nas feitorias de Cacheu e, mais tarde, também em Ziguinchor o crioulo da Guiné, considerado, juntamente com o crioulo de Cabo Verde, o primeiro crioulo afro-europeu de base portuguesa falado no continente africano, pertencendo ambos ao grupo dos crioulos da Alta Guiné¹⁹. Há, todavia, várias hipóteses acerca de qual dos dois foi o primeiro a surgir, nenhuma delas podendo ser provada com exatidão. Além da hipótese de o crioulo ter aparecido primeiro no continente africano, sendo este descoberto antes do arquipélago de Cabo Verde, deparamos também com a teoria de que o protocrioulo da Alta Guiné surgiu nos finais do século XV em Santiago (Cabo Verde) e somente depois foi levado pelos colonos cabo-verdianos para Cacheu, quando ali chegaram para exercerem atividades comerciais em meados do século XVI. A terceira hipótese defende a possibilidade de os dois crioulos terem surgido ao mesmo tempo, independentes um do outro, baseando-se nas mesmas línguas africanas que serviram de substrato (Czopek, 2018: 30)²⁰. Seja qual for a origem do crioulo falado na Guiné Portuguesa, este espalhou-se em breve por toda a zona da atual Casamansa, Gâmbia e Guiné-Bissau

¹⁸ O caráter insular de comunidades em que emerge um crioulo é fundamental para o seu surgimento (Pereira, 2006: 66).

¹⁹ Dentro do grupo de crioulos da Alta Guiné distinguem-se, hoje, crioulos de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e da Casamansa (Pereira, 2006: 59). Não obstante, devido à grande inteligibilidade entre o crioulo da Guiné-Bissau e o crioulo da Casamansa, este costuma ser também considerado dialeto do crioulo da Guiné-Bissau, subclassificando-se depois este crioulo em três sub-dialetos: variedade central (que abrange Bissau e Bolama), variedade oriental de Bafatá e Geba e, finalmente, variedade do Norte, usada na zona de Cacheu, São Domingos e Ziguinchor (Intumbo, Inverno, Holm, 2013).

²⁰ Existe, porém, também a hipótese de que uma língua franca de base portuguesa terá nascido muito tempo antes de os portugueses chegarem à África Subsariana, sendo usada no comércio com os árabes na África do Norte (Intumbo, Inverno, Holm, 2013).

e, além de representar a língua de comunicação no comércio entre os portugueses e as etnias africanas, começou a ser usado pelos missionários como língua da liturgia católica, penetrando também, a pouco e pouco, na comunicação do dia a dia com o papel de língua interétnica. Uma vez que o comércio estava nas mãos dos já mencionados *fijus di terra*, ou seja, de afro-portugueses que eram proprietários dos terrenos onde se realizava o comércio e que, portanto, representavam a classe social mais alta, o crioulo adquiriu logo um estatuto de língua de prestígio entre todas as línguas faladas na zona. Juntamente com a religião católica e a cultura, os costumes e as tradições portuguesas, tornou-se em breve também mais um traço distintivo simbolizando a comunidade dos *fijus di terra*.

Mesmo quando a Casamansa deixou de fazer parte da Guiné Portuguesa em 1886, o crioulo manteve a sua importância e prestígio, tanto no comércio como na comunicação do dia a dia. Como os comerciantes da Casamansa negociavam tradicionalmente com os países lusofalantes, como a Guiné-Bissau e Cabo Verde, o crioulo continuou a representar o melhor meio de comunicação para eles. Além disso, começou a ser usado nesta zona como uma língua franca entre os habitantes da Casamansa e os colonizadores franceses, o que se deveu ao facto de a maioria da população casamancesa viver do comércio e, por isso, falar o crioulo. Assim, ao contrário de outras línguas de origem africana, o crioulo era compreendido por quase todos os habitantes da Casamansa, apesar da sua diversidade étnica, tendo sido logicamente escolhido como língua representativa de toda a província.

A sua importância é ainda mais reforçada nos anos 50 e 60 do século XX em virtude de dois fatores. Primeiro, os conflitos militares e a guerra colonial na Guiné-Bissau levam a uma emigração maciça desta então chamada *província ultramarina* portuguesa para os estados vizinhos. Estima-se que à Casamansa tenham chegado por volta de 3 000 pessoas da etnia manjaco, um número relativamente alto, que representa um grande reforço do elemento português. O segundo aspeto a ter em conta é que nos anos 50 ocorreu também uma migração interna, quando a crise económica obrigou muitos camponeses a migrarem para as zonas urbanas, no caso da Casamansa especialmente

para a periferia da capital, Ziguinchor. Deste modo intensificaram-se consideravelmente os contactos entre diversas etnias e o crioulo tornou-se uma verdadeira língua interétnica. Como confirmam os dados de um censo da época, em 1963 o crioulo era falado por 83% da população e considerado língua materna por 71% da população (“Ziguinchor. A vila «crioula» do Senegal”, 2007). Por outro lado, a urbanização traz simultaneamente a perda do prestígio social dos *fijus di terra*, que antigamente corporizavam a aristocracia campestre, mas a crise na agricultura e a subsequente migração deste grupo social para os arredores das cidades leva ao seu empobrecimento e expulsão para a margem da sociedade. É óbvio que a perda de prestígio social de um grupo de habitantes se reflete também no declínio do prestígio da sua língua. O crioulo passa progressivamente para uma posição tão marginalizada como a da comunidade dos seus falantes.

Esta marginalização intensifica-se ainda mais com a independência do Senegal, que escolhe como sua língua oficial o francês. No início supõe-se que o crioulo irá adquirir no Sul o mesmo papel que o uolofe tem no norte do Senegal, isto é, que irá unificar o Sul, linguística e culturalmente, o que, na verdade, já fazia. Todavia, o primeiro-ministro do primeiro governo senegalense, Mamadou Dia, muda de estratégia e prefere tentar a unificação de todo o país através de uma só língua, o uolofe. Sob o lema “Il faut sénégaliser la Casamance!”, ou seja, “É preciso senegalizar a Casamansa” (Djiba, 2015), começa a implantar uma política linguística no âmbito da qual recoloniza a região pela etnia uolofe e propositadamente rotula o crioulo como língua dos colonizadores, que deve ser, o mais cedo possível, substituída pelo uolofe, uma língua de origem africana. Em toda a província os funcionários são gradualmente substituídos por outros, que falam o uolofe, e também o comércio é reforçado pela chegada de comerciantes do norte do Senegal, sobretudo da etnia serer ou peúl, os quais, além das suas línguas étnicas, falam somente o uolofe. Em breve, essa política linguística de Mamadou Dia vem a revelar-se bem pensada e bem-sucedida: apesar de o uolofe ser uma língua provinda do norte do Senegal, espalha-se no Sul com rapidez e ganha o prestígio de língua

de unidade nacional, substituindo o crioulo no seu papel de ferramenta de comunicação interétnica.

A tendência para excluir o crioulo da vida pública não se inverte, nem mesmo em finais dos anos 60 e nos anos 70, quando o governo muda a sua política linguística, promovendo a valorização do plurilinguismo senegalense. Graças a esta mudança, as línguas africanas são reconhecidas como parte da herança cultural e, a partir do ano de 1968, a muitas delas tem sido atribuído o estatuto de línguas nacionais, como sucede, por exemplo, com o uolofe, o serer, o pulaar, o diola, o malinqué²¹ e o soninquê (Holeš, Kadlec, 2012: 246). O crioulo de base portuguesa encontra-se, porém, negligenciado neste processo e continua numa posição marginalizada, mantendo-se, maioritariamente, apenas como a língua dos descendentes dos *fijus di terra*. Em consequência, os resultados do censo de 1985 são bastante diferentes dos do ano de 1963 – apenas 37% crianças a frequentar a escola falam o crioulo, enquanto o uolofe é usado por 89,3% delas. O decréscimo no uso do crioulo nota-se ainda mais quando o comparamos com o uso de línguas africanas cujo prestígio aumentou com a atribuição do estatuto de línguas nacionais – por exemplo o mandinga é usado por 51,8% da população e o diola por 50,8% (“Ziguinchor. A vila «crioula» do Senegal”, 2007). Nos anos 80 torna-se evidente que o crioulo não é mais do que a língua de uma minoria étnica cujo uso é marcadamente inferior ao das línguas nacionais.

O crioulo de origem portuguesa na atualidade

Quarenta anos depois, o crioulo casamancês encontra-se numa situação precária²². Não lhe foi concedida nenhuma oficialização de

²¹ Um subgrupo de línguas mandingas.

²² Tal não sucede com o crioulo da Guiné-Bissau, cujo uso se está a expandir. Além de ser usado como língua franca, começa a penetrar também em áreas como o comércio, a literatura informal e o entretenimento. Estima-se que numa população de aproximadamente 1 800 000 habitantes haja por volta de 600 000 falantes, tendo 100 000 guineenses este crioulo como língua materna (Intumbo, Inverno, Holm, 2013).

estatuto suscetível de contribuir para a elevação do seu prestígio, o que facilitaria a sua preservação. Não tem, pois, nem estatuto de língua oficial, nem minoritária ou nacional, e também não é usado em nenhum contexto de prestígio social, como sucederia se fosse, por exemplo, língua de escolarização. A única etnia que ainda o sabe falar e até o usa sistematicamente como língua do quotidiano são os *fijus di terra*, que vivem socialmente inferiorizados ou nos arredores de Ziguinchor (particularmente nos bairros Boudody, Cobitène e Santiaba), ou em zonas campestres bastante remotas (como é o caso da ilha de Carabane, historicamente o primeiro lugar onde os portugueses começaram com o tráfico negreiro na região da Casamansa), não constituindo uma comunidade muito numerosa, nem homogénea em relação ao uso do crioulo. Enquanto no contexto urbano, em Ziguinchor e arredores, há a tendência de usar o crioulo como primeira língua, nas zonas campestres, apesar de falado diariamente, representa tipicamente apenas uma segunda língua, preferindo-se o uso de línguas nativas de origem africana, o que contribui para o seu enfraquecimento.

Tal é ainda agravado por a comunidade de falantes, que já em si não é grande, se ir reduzindo cada vez mais, porque os *fijus di terra*, cientes da sua posição social e económica bastante desfavorável, mandam os seus filhos para o norte do Senegal, para aí estudarem, dado que as escolas têm maior prestígio e há posteriormente melhores oportunidades para encontrarem um bom emprego. Os seus descendentes instalam-se depois no Norte e adaptam o uolofe como língua da comunicação no dia a dia, deixando de usar o crioulo, a não ser na comunicação familiar.

Mais um fator que contribui para o desaparecimento do crioulo é o facto de os falantes sob influência da comunidade islâmica dos mandingas, hoje predominante na zona, terem tendência para se converter ao Islão²³. Com a conversão ao Islão diminui o número de católicos praticantes e desaparece a motivação religiosa para o uso do

²³ O Senegal é um país laico, mas o islamismo representa a religião dominante, praticada por 92% da população, enquanto os cristãos católicos representam apenas 7% da população.

crioulo como meio de comunicação tradicional neste contexto. Além disso, a par da nova religião os convertidos adquirem também frequentemente a língua da comunidade que a pratica, e preferem falar o mandinga não apenas no contexto religioso mas até nas situações vulgares do dia a dia (Biagui, Quint 2013). Assim, como verdadeiros falantes do crioulo encontram-se na Casamansa, antes de mais, pessoas mais idosas e pouco letradas. As estimativas do seu número total variam bastante. Algumas indicam aproximadamente 46 500 residentes no Senegal²⁴ ou na Gâmbia, para quem o crioulo é a primeira língua²⁵, mas há que pressupor que estas estatísticas possam ser bastante exageradas. Outras, mais modestas e provavelmente mais fiáveis, mencionam que o crioulo casamancês é língua nativa de aproximadamente 10 000 pessoas dos arredores de Ziguinchor e que, incluindo os que o falam como segunda língua, pode haver no total entre 20 000 e 50 000 falantes (Biagui, Quint 2013). Resumindo, podemos ver que o número dos seus falantes e contextos do seu uso é cada vez mais limitado, não significando, todavia, que o crioulo se tenha extinguido por completo. Apesar de todos os fatores desfavoráveis acima mencionados, o crioulo ainda hoje ultrapassa a fronteira da comunidade dos *fijos di terra* e mantém, em parte, a sua vitalidade também noutros contextos da comunicação.

A nível étnico, o uso do crioulo não se restringe a uma só comunidade. Os *fijos di terra* são os usuários predominantes, mas não os únicos; algumas das etnias africanas sediadas na Casamansa, como os diolas e os bainuncos²⁶, ainda hoje continuam a usar o crioulo para comunicar entre si, pelo que este crioulo mantém a sua função de língua interétnica, ainda que haja menos comunidades de falantes que antigamente. Outro contexto em que ainda se preserva é o do comércio, que na Casamansa continua a ser a fonte principal de lucro. Como o parceiro de negócios tradicional é a Guiné-Bissau, a língua das negociações

²⁴ A maior comunidade de falantes do crioulo encontra-se, logicamente, na Casamansa, mas fora desta região há também algumas comunidades, a mais numerosa das quais em Dakar.

²⁵ Dados de 1998, cf. “crioulo guineense (Guinea-Bissau Creole)”, 2022.

²⁶ Eram a etnia que habitava o território da Baixa Casamansa e da Guiné-Bissau na altura da chegada dos portugueses.

à qual se recorre mais frequentemente é o crioulo, dado ser mutuamente compreensível. E do contexto religioso também não desapareceu completamente; conservando a sua designação de *lingu kriston*, continua a ser usado como língua da litúrgia católica e também como língua franca entre os cristãos católicos da Casamansa, que – além dos *fijus di terra* – são de várias etnias africanas (por exemplo, manjacos, mancanhas, bainuncos), reforçando-se assim a importância do crioulo não só no contexto religioso, mas também no interétnico. Finalmente, falta acrescentar o fator da sua importância para a identidade cultural da região. Hoje em dia, o crioulo não é mais visto como um traço marcante da comunidade que o fala e, na verdade, não existe nenhum grupo étnico que se autoidentifique apenas pelo seu uso (Biagui, Quint 2013). A maioria da população casamancesa (até aqueles que não o falam e o consideram uma língua histórica mais do que realmente viva) vê essencialmente o crioulo num sentido simbólico, como vestígio da presença portuguesa na Casamansa. A sua preservação torna-se assim um símbolo e, ao mesmo tempo, uma prova da autoidentificação de toda a região com as raízes e a cultura portuguesas, a qual se baseia tanto nos laços históricos com Portugal, como na vizinhança da Guiné-Bissau como um país lusofalante. Desta maneira, o crioulo exprime simultaneamente a alienação que os casamanceses sentem, tanto perante o passado francês como perante a cultura francesa, que hoje já não representa os colonizadores franceses, mas antes o resto do Senegal francófono²⁷.

²⁷ É curioso que, como confirma Leitão no seu estudo, até entre os jovens intelectuais da etnia diola, que são muçulmanos e não falam o crioulo, podemos deparar com a alegação de que a Casamansa não é francesa, mas sim portuguesa. Notamos deste modo que a identificação com a cultura portuguesa pode ser tão importante para os casamanceses que até supera a identidade étnica, social, religiosa e linguística (Leitão, 2013).

A língua portuguesa no Senegal na atualidade

Esta autoidentificação com a cultura portuguesa leva-nos, enfim, à última questão – qual é, no presente, a posição da própria língua portuguesa na Casamansa e no Senegal?

Para podermos responder, é preciso voltar aos anos 60 do século XX. O surgimento do estado senegalense não despoletou apenas o declínio do crioulo casamancês: incentivou, ao mesmo tempo, um certo reaparecimento do próprio português na tão complexa cena linguística senegalense.

O já referido primeiro presidente senegalense, Léopold Sédar Senghor²⁸, era muito a favor da língua portuguesa, não somente por ter antecedentes portugueses, mas porque se apercebeu dos laços históricos do seu país e também dos aspetos práticos – os países vizinhos lusofalantes, como a Guiné-Bissau e Cabo Verde, continuavam a representar importantes parceiros comerciais e havia muita migração entre estes estados e o Senegal. Portanto, as relações entre o Senegal e os países lusofalantes foram logo no início – e continuam a ser – bastante intensas, o que se refletiu em 2008 na admissão do Senegal entre os Observadores Associados da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). Devido a estes fatores, Senghor apoiara já em 1961 a inclusão do português nos currículos escolares dos ciclos de ensino médio geral e secundário²⁹. O seu ensino iniciou-se em dois liceus de Dakar, tendo oito alunos no total³⁰, mas atualmente o português ensina-se já em mais de 50 estabelecimentos do ensino secundário, havendo

²⁸ O seu apelido, Senghor, possivelmente provém da palavra portuguesa *Senhor*, tal como ele próprio indica na sua *Élegie des Saudades*, quando fala da “goutte de sang portugais” que tem e diz que o seu nome “remonte à sa source”, ou seja *Senhor* (Ndao, 2008).

²⁹ O ensino médio geral é de 4 anos, para os alunos entre 12 e 15 anos, enquanto o ensino secundário é de 3 anos, para alunos entre 16 e 18 anos.

³⁰ Os dados sobre o número de alunos foram prestados pelo leitor do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua no Senegal, José Manuel Horta, que desempenha o cargo do leitor do Camões, I. C. em Dakar a partir de 1998. Cf. “O ensino do português no Senegal. De 8 a... 38 mil em 50 anos”, 2013.

cerca de 14 000 alunos³¹. A partir dos anos 60 oferecem-se então aulas de português aos alunos no ensino médio geral, quando eles optam por, além de francês e inglês (que são línguas obrigatórias e se ensinam já no ciclo primário), aprender mais uma língua, podendo escolher entre português, espanhol e árabe. Depois, no ensino secundário, os alunos podem continuar com a língua escolhida como optativa ou escolher uma nova língua entre três outras – italiano, russo e alemão. É de destacar que propor o ensino de português como segunda língua ao nível do ensino secundário foi uma decisão bastante excepcional e progressista, especialmente na altura em que se tomou, porque, segundo os dados do Instituto Camões, apenas 11 países em todo o mundo têm português como segunda ou terceira língua no currículo das escolas secundárias. Podemos, pois, constatar que a nível do ensino secundário o português goza sem dúvida de um estatuto bastante privilegiado por todo o país. Quanto ao nível do ensino superior, o português atinge uma posição provavelmente ainda mais distinta. Os cursos de português são oferecidos em duas das três universidades senegaleses. A primeira a abrir o curso, no ano letivo de 1972–1973, foi a Universidade Cheik Anta Diop em Dakar, que o conseguiu graças ao apoio do presidente Senghor (Nhaga, 2018). Hoje existe aqui como programa independente de bacharelato (de 3 anos) e licenciatura (de mais 2 anos), sendo destinado a futuros professores de português, com cerca de 2000 estudantes matriculados por ano³². A segunda é a Universidade Assane Seck em Ziguinchor, fundada apenas em 2007, em que o ensino de português foi incentivado pelo leitor José Manuel Horta, o qual logo no início conseguiu inserir o estudo da língua portuguesa no programa de Turismo e Gestão e que um pouco mais tarde incentivou o seu ensino graças à fundação do Centro da Língua Portuguesa em 2018 (“Senegal. Centro de Língua Portuguesa abriu em Ziguinchor”, 2018). Com esta política linguística, estabelecida e apoiada já pelo primeiro

³¹ Torna-se assim uma das línguas estrangeiras mais populares, enquanto ainda nos anos 50 do século XX foi o espanhol que assumiu primazia como língua estrangeira mais procurada no Senegal.

³² O curso de espanhol tem 3000 estudantes por ano e o de italiano apenas 500.

presidente, Senghor, que privilegia o estudo do português há mais de 50 anos, o Senegal dispõe de um número bastante elevado tanto de professores como de estudantes de português como língua estrangeira e há expectativas de os números ainda crescerem. Segundo Incanha Intumbo, Director Executivo do Instituto Nacional de Língua Portuguesa (IILP), a partir de 2015 houve uma explosão de interesse pelo estudo do português como segunda língua em todo o mundo (“Há mais de 40 mil alunos de Português no Senegal”, 2021) e pode dizer-se que também o Senegal o confirma. Na atualidade, há por volta de 400 professores senegaleses de português espalhados por liceus, colégios e universidades em todas as 14 regiões do país. Quanto ao número de estudantes, em 2016 havia, conforme dados do Camões, I. C., por volta de 44 000 estudantes, mas em 2018 já havia 48 000 (Nhaga, 2018). Levando em consideração que em todo o mundo há um total aproximado de 160 000 estudantes de português como segunda língua, o Senegal representa, curiosamente, o país com o maior número de estudantes, ultrapassando até a Espanha, com cerca de 23 018 estudantes, ou os Estados Unidos com cerca de 10 074 estudantes (Tavares, 2016). Em relação à distribuição geográfica do ensino da língua portuguesa, não é de surpreender que o maior número de estudantes se encontre na área da Casamansa. Segundo as observações do Camões, I. C., cerca de 18 000 dos 48 000 estudantes de português provêm da Casamansa, especialmente das zonas de Ziguinchor, Kolda, Sédhiou e Bignona (Nhaga, 2018). No entanto, merece destaque o facto de o português não se ensinar apenas nesta região tradicional, como seria de pressupor, mas de o seu ensino estar distribuído por todo o país.

O facto de depararmos com o ensino de português em todo o Senegal comprova que a sua revitalização não se deve à nostalgia sentimental dos laços históricos que a Casamansa teve com Portugal e os países lusofalantes, nem sequer apenas à tradição estabelecida pelo primeiro presidente. A presença da língua portuguesa e a propagação do seu ensino têm o seu fundamento na época atual.

O primeiro fator que pode justificar este fenómeno é sociocultural e deve-se à existência de minorias lusofalantes dentro da sociedade plurilingue do Senegal, principalmente da guineense. A razão para

a aprendizagem do português, que costuma ser indicada como a primeira quando se realizam inquéritos acerca da motivação dos estudantes, são os laços familiares que a população, especialmente a da Casamansa, tem com o povo da Guiné-Bissau. A proximidade deste país, tanto geográfica como linguística, faz com que muitos senegaleses procurem emprego na Guiné-Bissau e vice-versa, instalando-se e casando-se no novo país. Criam-se, assim, famílias mistas senegaleses-guineenses que optam pelo português como língua franca da comunicação familiar (Nhaga, 2018). Além da comunidade guineense, há uma comunidade cabo-verdiana que representa outra minoria bastante numerosa³³, tradicionalmente residente no Senegal. Nela o português desempenha um papel importante, também porque os seus membros o mantêm como uma das línguas da comunicação quotidiana no âmbito familiar e de vizinhança, usando-o igualmente com representantes de outras etnias que se integram na comunidade por casamento ou outros motivos (“Vestígios de Portugal em Casamansa”, 2008).

O segundo fator que ajuda a manter no Senegal a língua portuguesa como língua viva designar-se-á de pragmático-económico. O português e o inglês representam línguas estrangeiras de prestígio, cujo conhecimento é uma mais-valia que promete assegurar uma subida na escala socioeconómica. Os que o dominam podem candidatar-se a uma bolsa de estudo nas universidades portuguesas, que lhes vai garantir uma formação superior de prestígio, graças à qual podem conseguir um emprego “de respeito” como intérpretes e tradutores, mas não só. A esfera que oferece empregos de prestígio é, antes de mais, a área comercial. Desta esfera depende tradicionalmente grande parte do orçamento nacional do Senegal e os parceiros comerciais de realce continuam a ser os países lusófonos mais próximos, nomeadamente Cabo Verde e também a Guiné-Bissau. O Senegal reforça permanentemente as relações económicas com os dois países, as bilaterais e as que se estabelecem no âmbito da CEDEAO³⁴, investindo atualmente, por

³³ Estima-se que consta de aproximadamente 30 000 membros (cf. páginas do Governo de Cabo Verde: “Comunidade no Senegal bem integrada”, 2013).

³⁴ Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental.

exemplo, no desenvolvimento do transporte aéreo e marítimo entre as capitais de Cabo Verde (Praia) e do Senegal (Dakar), cujo objetivo se afigura ser, precisamente, facilitar a troca de mercadorias. Assim, tal como já aconteceu no passado colonial, o português adquire de novo um papel importante de língua de comércio e o seu uso nesta esfera representa uma motivação significativa para os que escolhem estudar português como língua estrangeira.

Conclusão

Finalizando este trabalho com uma breve comparação da posição do crioulo e do português no Senegal de hoje, e em particular na Casamansa, chegamos a uma observação relativamente curiosa. O crioulo casamancês, há centenas de anos presente na cena linguística senegalesa e tão intimamente ligado com a província da Casamansa, está e vai continuar a estar numa situação bastante precária. Tendo perdido, através dos tempos, o seu prestígio original, foi sendo marginalizado a tal ponto que está em vias de extinção como língua de comunicação diária. Mantém-se, quando muito, como língua de comunidades isoladas, cada vez menos numerosas e geograficamente restritas, e as situações comunicativas em que aparece têm sido limitadas a contextos bastante particulares, como, por exemplo, o litúrgico. Conserva sempre, todavia, um papel importante como um componente de modo algum insignificante da identidade do povo casamancês. O problema é que simboliza apenas a inclinação casamancesa para as raízes portuguesas históricas, não chegando a constituir uma língua viva que sirva para unificar o povo casamancês. Portanto, o mero facto de ajudar na autoidentificação do povo casamancês não vai garantir a sua sobrevivência, nem fomentar a sua revitalização e a recuperação do prestígio que tinha antigamente.

Por outro lado, a posição da língua portuguesa é bem diferente. O português, que outrora invadiu o território como língua dos primeiros colonizadores e depois o abandonou por dezenas de anos, deixando a sua posição, entretanto, preenchida pelo crioulo, parece, a partir da segunda metade do século XX, vir a recuperar cada vez mais a sua

importância na zona. Até podemos constatar que volta a desempenhar alguns dos papéis que antigamente detinha, como o de língua de comércio ou língua de comunicação interétnica, mesmo que os contextos em que os desempenha sejam naturalmente muito mais restritos. Concorre assim, paradoxalmente, com o crioulo, porque penetra nas posições que representavam o domínio tradicional por este exercido.

Obviamente que não é mais a língua dominante e unificadora de outrora, mas adquiriu uma função importante como segunda língua no ensino e graças a isso o seu uso não se restringe apenas à Casamansa, difundindo-se, na verdade, por todo o país. Ainda por cima, entre todas as segundas línguas ensinadas no Senegal, ocupa a posição mais importante depois do inglês³⁵, pelo que não é apenas um idioma bastante difundido mas também uma língua que goza de grande prestígio. Atingindo esta posição privilegiada, retomou automaticamente o cargo da portadora e divulgadora da herança cultural portuguesa e daí que, até nesta esfera, pareça começar a substituir o crioulo casamancês, contribuindo assim, involuntariamente, para a diminuição da importância deste no contexto senegalense.

Referências bibliográficas

- BIAGUI, N. B., QUINT, N. (2013), “Structure dataset 34: Casamancese Creole” em: Michaelis, S. M., Maurer, P., Haspelmath, M., Huber, M. (eds.) *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*, Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, [on-line] <https://apics-online.info/contributions/34>, 26.01.2022.
- CZOPEK, N. (2018), “Crioulos de base portuguesa de Cabo Verde e de Ziguinchor (Senegal). Estudo contrastivo” em: Krupa, R., Piechnik, I. (eds.), *Saint-Exupéry relu et traduit*, Biblioteka Jagiellońska, Kraków, 2018, [on-line] <https://ruj.uj.edu.pl/xmlui/bitstream/handle/item/74498/>

³⁵ O que se deve antes aos fatores pragmáticos do que culturais ou económicos. Ao contrário das outras línguas optativas, o ensino do português tem grande apoio graças ao Camões, I.C. que abriu no Senegal dois Centros de Língua Portuguesa (em Dakar em 2006 e em Ziguinchor em 2015) e também devido à existência de suficiente material didático.

- czopek_crioulos_de_base_portuguesa_de_cabo_verde_e_de_ziguinchor_senegal_2018.pdf?sequence=1&isAllowed=y, 4.02.2022.
- DIALLO, M. A. (2011), *A construção do Estado no Senegal e Integração na África Ocidental: Os problemas da Gâmbia, de Casamansa e da Integração Regional*, Porto Alegre, 2011, [on-line] <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35077/000794235.pdf?sequence=1&isAllowed=y>, 15.02.2022.
- DJIBA, M. M. (2015), “Casamance: Quand Mamadou Dia soutenait qu’il faut «Sénégaliser la Casamance»”, *Le Journal du Pays*, [on-line] <https://www.journaldupays.com/2015/casamance-quand-mamadou-dia-soutenait-quil-faut-senegaliser-la-casamance/>, 8.02.2022.
- ESTEVES, M. L. (1988), *A questão do Casamansa e a delimitação das fronteiras da Guiné*, Litografia Tejo, Lisboa.
- FADUL, F. J. (2014), “Casamansa. Província ou Colónia?”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 2, 2002 [on-line] <https://journals.openedition.org/cea/1269>, 31.1.2022., p. 43–55.
- HOLEŠ, J., KADLEC, J. (2012), *Jazyková politika frankofonních zemí*, Univerzita Palackého v Olomouci, Olomouc.
- INTUMBO, I., INVERNO, L., HOLM, J. (2013), “Guinea-Bissau Kriyol” em: Michaelis, S. M., Maurer, P., Haspelmath, M., Huber, M. (eds.) *The survey of pidgin and creole languages em: The survey of pidgin and creole languages*, vol. 2: *Portuguese-based, Spanish-based, and French-based Languages*, Oxford University Press, Oxford, [on-line] <https://apics-online.info/surveys/33>, 1.02.2022.
- KLÍMA, J. (1996), *Dějiny Portugalska*, Lidové noviny, Praha.
- KLÍMA, J. (2006), *Stručná historie států. Guinea-Bissau*, Libri, Praha.
- LEITÃO, F. (2013), “Existências e Utilizações contemporâneas da Casamansa «portuguesa»” em: *Castelos a Bombordo: Etnografias de patrimónios africanos e memórias portuguesas*, Etnográfica Press, Lisboa, 2013 [on-line] <https://books.openedition.org/etnograficapress/343>, 23.01.2022.
- MOTA, A. T. (1946), “A descoberta da Guiné”, *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, 1 (2), Bissau, p. 273–326.
- NDAO, A. (2008), “Etude de Nocturnes (1961) de Léopold Sédar Senghor”, *Lireunlivreplaisir*, [on-line] <http://lireunlivreplaisir.blogspot.cz/2008/04/etude-de-nocturnes-1961-de-lopold-sdar.html>, 9.02.2022.

- NHAGA, A. (2018), “132 anos após Portugal deixar Casamansa, há 48 mil senegaleses a aprender português”, *Diário de Notícias*, [on-line] <https://www.dn.pt/mundo/ha-48-mil-estudantes-de-portugues-no-senegal-9831255.html>, 31.01.2022.
- OLIVEIRA, A. V. (2021), *Cultura e poder em Casamansa: Uma leitura sobre a bibliografia colonial da região*, Redenção-CE 2021, [on-line] <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2227/1/ADILSON%20VICTOR%20OLIVEIRA%20Dissert%2017082021.pdf>, 7.02.2022.
- PEREIRA, D. (2006), *Crioulos de base portuguesa*, Caminho, Lisboa.
- PERSON, Y. (2010), “Os povos da costa – primeiros contatos com os portugueses de Casamance às lagunas da costa do Marfim” em: Niane, D. T. (ed.), *História geral da África*, 4: *África do século XII ao XVI*, p. 337–360, [on-line] https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000060323_por, 15.02.2022.
- RIBEIRO, C. (1989), “A historicidade da construção nacional na Guiné-Bissau” em: *A construção da nação em África. Os exemplos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e S.Tomé e Príncipe*, Gráfica Maiadouro, Maia, p. 219–242.
- TAVARES, P. S. (2016), “Há 44 mil alunos a aprender português no Senegal”, *Diário de Notícias*, [on-line] <https://www.dn.pt/portugal/ha-44-mil-alunos-a-aprender-portugues-no-senegal-5494853.html>, 31.01.2022.

Webgrafia

- “Comunidade no Senegal bem integrada” (2013), *Governo de Caboverde*, 28.10.2013, [on-line] <https://www.governo.cv/comunidade-no-senegal-bem-integrada/>, 10.2.2022.
- “crioulo guineense (Guinea-Bissau Creole)” (2022), *Artigos.wiki*, 15.05.2022, [on-line] https://artigos.wiki/blog/en/Guinea-Bissau_Creole, 29.01.2022.
- “Há mais de 40 mil alunos de Português no Senegal” (2021), *Observatorio da Língua Portuguesa*, 29.10.2021, [on-line] <https://observalinguaportuguesa.org/ha-mais-de-40-mil-alunos-de-portugues-no-senegal/>, 24.01.2022.
- “O ensino do português no Senegal. De 8 a... 38 mil em 50 anos” (2013), *Camões*, 189, [on-line] https://www.instituto-camoes.pt/images/pdf_encarte/encarte189.pdf, 10.02.2022.

“Senegal. Centro de Língua Portuguesa abriu em Ziguinchor” (2018), *RFI*, 17.03.2018, [on-line] <https://www.rfi.fr/pt/africa/20180317-senegal-centro-de-lingua-portuguesa-abriu-em-ziguinchor-portugal-senegal>, 24.01.2022.

“Vestígios de Portugal em Casamansa” (2008), *Portugal visto pelo Mundo*, [on-line] <https://as-maravilhas-portuguesas-espalhadas-pelo-mundo.webnode.pt/casamansa/>, 2.02.2022.

“Ziguinchor. A vila «crioula» do Senegal” (2007), *Archive.org*, [on-line] <https://web.archive.org/web/20070622215839/http://rcl.com.sapo.pt/ziguinchor.html>, 8.02.2022.